

DESCARTES

MEDITATIONES DE PRIMA
PHILOSOPHIA

MEDITATIO SECUNDA

FAUSTO CASTILHO

Tradutor

Departamento de Filosofia
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas

Edição bilíngüe
2ª impressão revista

textos Didáticos
nº 9 – MAIO DE 1995

TEXTOS DIDÁTICOS

IFCH/UNICAMP

Setor de Publicações

Caixa Postal: 6110

CEP: 13081-970 - Campinas - SP

Tel. (0192) 39.8342

Fax: (0192) 39.33.27

**SOLICITA-SE PERMUTA
EXCHANGE DESIRED**

Direção:

Diretor: Prof. Dr. João Quartim de Moraes

Diretor Associado: Prof. Dr. Armando Boito Junior

Comissão de Publicações:

Profa. Argelina Maria Cheibub Figueiredo - DCP, Profa. Guita Grin Debert - DA,
Profa Maria Clementina Pereira Cunha - DH, Prof. José Carlos Pinto Oliveira - DF
e Márcio Bilharinho Naves - DS (Coordenador).

Setor de Publicações:

Mada Penteado, Marilza A. da Silva, Elizabeth S. S. Oliveira e Magali Mendes

Gráfica

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Marinês M. Rodrigues e Cleusa Schetini

MEDITATIO SECUNDA

*DE NATURA MENTIS HUMANAЕ: QUOD IPSA
SIT NOTIOR QUAM CORPUS*

SEGUNDA MEDITAÇÃO

SOBRE A NATUREZA DA MENTE HUMANA:
QUE ELA É MAIS CONHECIDA QUE O CORPO

SYNOPSIS

/2// In secundâ, mens quæ, propriâ libertate utens, sup- 10
ponit ea omnia non existere de quorum existentiâ vel mi-
nimum potest dubitare, animadvertit fieri non posse quin
ipsa interim existat. Quod etiam summæ est utilitatis,
quoniam hoc pacto facile distinguit quænam ad | se, hoc
est, ad naturam intellectualem, & quænam ad corpus per- 15
tineant. Sed quia forte nonnulli rationes de animæ im-
mortalitate illo in loco expectabunt, eos hîc monendos

SINOPSE

DA SEGUNDA MEDITAÇÃO

/2/ Na Segunda Meditação, a mente — usando de sua liberdade, ao supor que não existem todas as coisas sobre cuja existência paire alguma dúvida, por mínima que seja, — percebe ser impossível que entrementes ela mesma não exista. Percepção da maior utilidade, que lhe permite distinguir facilmente o que pertence a ela como natureza intelectual, do que pertence ao corpo. Mas, como há os que talvez esperam que eu apresente neste passo as razões da imortalidade da alma, creio deva preveni-los

puto me conatum esse nihil scribere quod non accurate
 demonstrarem; ideoque non alium ordinem sequi potuisse,
 quàm illum qui est apud Geometras usitatus, ut nempe
 omnia præmitterem ex quibus quæsitæ propositio de-
 5 penderet, antequam de ipsâ quidquam concluderem. | /3/ Pri-
 mum autem & præcipuum quod prærequiritur ad cognos-
 cendam animæ immortalitatem, esse ut quàm maxime
 perspicuum de eâ conceptum, & ab omni conceptu corporis
 plane distinctum, formemus; quod ibi factum est. Præ-
 10 terea verò requiri etiam ut sciamus ea omnia quæ clare &
 distincte intelligimus, eo ipso modo quo illa | intelligi- 3
 mus, esse vera: quod ante quartam Meditationem probari
 non potuit; & habendum esse distinctum naturæ corporeæ
 conceptum, qui partim in ipsâ secundâ, partim etiam in
 15 quintâ & sextâ formatur; atque ex his debere concludi ea
 omnia quæ clare & distincte concipiuntur ut substantiæ
 diversæ, sicuti concipiuntur mens & corpus, esse revera
 substantias realiter a se mutuò distinctas; hocque in sextâ
 concludi. Idemque etiam in ipsâ confirmari ex eo quòd
 20 nullum corpus nisi divisibile intelligamus, contrà autem
 nullam mentem nisi indivisibilem: neque enim | possumus
 ullius mentis mediam partem concipere, ut possumus cu-
 juslibet quantavis exigui corporis; adeo ut eorum na-
 turæ non modo diversæ, sed etiam quodammodo contrariæ
 25 agnoscantur. Non autem ulteriùs eâ de re in hoc scripto
 me egisse; tum quia hæc sufficiunt ad ostendendum ex cor-
 poris corruptione mentis interitum non sequi, atque sic ad
 alterius vitæ spem mortalibus faciendam; tum etiam quia
 præmissæ, ex quibus ipsa mentis immortalitas concludi
 30 potest, ex totius Physicæ explicatione dependent: primo 4

de que me esforço por nada escrever que não demonstre cuidadosamente. De sorte que outra ordem não pude seguir senão a usada pelos geômetras, isto é, antecipando todas as coisas de que depende a proposição buscada, antes de concluir algo a respeito dela.

/3/ Ora, o primeiro e principal requisito, anterior ao conhecimento da imortalidade da alma, consiste em que formemos o conceito mais claro da alma e inteiramente distinto do conceito de todo corpo, — o que se faz nesse lugar. Temos de saber, além disso, que todas as coisas que se entendem clara e distintamente são, do mesmo modo como se entendem, verdadeiras — o que não pode ser provado antes da Quarta Meditação. Temos de possuir também um conceito distinto da natureza corporal, o qual se forma em parte nesta Segunda e em parte, na Quinta e na Sexta. Dever-se-ia disto concluir que todas as coisas que se concebem clara e distintamente, como substâncias diversas, do mesmo modo como se concebem a mente e o corpo, são deveras substâncias realmente distintas uma da outra: conclusão da Sexta, que nela se confirma pelo fato de só entendermos todo corpo como divisível, em contraposição a toda mente, só entendida como indivisível. Não podemos conceber a metade de nenhuma mente, ao passo que concebemos a metade de todo corpo, por menor que ele seja. De maneira que suas naturezas são por nós conhecidas não apenas como diversas, mas também de certo modo como contrárias. E não me cabia dizer mais nada sobre essa matéria neste escrito: o que foi dito é suficiente para mostrar que da corrupção do corpo não segue a morte da mente, — havendo para os mortais uma esperança de outra vida, — porque as premissas de onde se pode concluir a imortalidade da mente dependem, porém, da explicação de toda a Física. Primeiramente,

ut sciatur omnes omnino substantias, five res quæ a Deo
creari debent ut existant, ex naturâ suâ esse incorrupti-
biles, nec posse unquam desinere esse, nisi ab eodem Deo
concursum suum iis denegante ad nihilum reducantur; ac
deinde ut advertatur corpus quidem in genere sumptum 5
esse substantiam, ideoque nunquam etiam perire. Sed
corpus humanum, quatenus a reliquis differt corporibus,
non nisi ex certâ membrorum configuratione aliisque ejus-
modi accidentibus esse conflatum; mentem verò humanam
non ita ex ullis accidentibus constare, sed puram esse 10
substantiam: etsi enim omnia ejus accidentia mutantur,
ut quòd alias res intelligat, alias velit, alias sentiat,
&c, non idcirco ipsa mens alia evadit; humanum autem
corpus aliud fit ex hoc solo quòd figura quarumdam ejus
partium mutetur: ex quibus sequitur corpus quidem 15
perfacile in|terire, mentem autem ex naturâ suâ esse
immortalem.

para que saibamos que, todas as substâncias em geral, isto é, as coisas que só existem porque foram criadas por Deus, são por sua natureza incorruptíveis e nunca podem deixar de o ser, a menos que Deus ele mesmo lhes negue o seu concurso, reduzindo-as ao nada. Em segundo lugar, para que saibamos que, genericamente considerado, o corpo é uma substância e, por isso, nunca perece. Mas, que o corpo humano, na medida em que difere dos outros corpos, é feito por certa configuração de membros e de outros acidentes dessa espécie, ao passo que a mente humana não se constitui de nenhum de tais acidentes e é pura substância. Ela, apesar de ser modificada por todos os seus acidentes — pensa umas coisas, quer outras, sente outras mais, etc., — nem por isso torna-se outra. Ao passo que o corpo humano torna-se outro, em razão apenas de que se modifica a figura de qualquer de suas partes. Disto se segue que tal corpo morre muito facilmente, enquanto a mente *ou a alma do homem (o que não distingo)** é imortal por sua natureza.

** ou l'âme de l'homme (ce que je ne distingue point)*

20

*De natura mentis humanæ : quòd ipsa sit
notior quàm corpus^a.*

/1/ In tantas dubitationes hesternâ meditatione con-
jectus sum, ut nequeam ampliùs earum oblivisci, nec vi-
deam ta|men quâ ratione solvendæ sint; sed, tanquam

30

31

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Sobre a natureza da mente humana: que ela é mais conhecida que o corpo

/1/ Fui lançado em tantas dúvidas pela meditação de ontem que, já não sou capaz de as esquecer e não vejo, contudo, o modo de resolvê-las. E, como se

31

32

- in profundum gurgitem ex improvīso delapsus, ita turbatus sum, ut nec possim in imo pedem figere, nec enatare | ad summum. Enitar tamen & tentabo rursus eandem viam quam heri fueram ingressus, removendo scilicet illud omne quod vel minimum dubitationis admittit, nihilo secius quàm si omnino falsum esse comperissem; pergamque porro donec aliquid certi, vel, si nihil aliud, saltem hoc ipsum pro certo, nihil esse certi, cognoscam. /2/ Nisi punctum petebat Archimedes, quod esset firmum & immobile, ut integram terram loco dimoveret; magna quoque speranda sunt, si vel minimum quid invenero quod certum sit & inconcussum^a.
- /3/ Suppono igitur omnia quæ video falsa esse; credo nihil unquam extitisse eorum quæ mendax memoria repræsentat; nullos plane habeo sensus; corpus, figura, extensio, motus, locusque sunt chimeræ. Quid igitur erit verum? Fortassis hoc unum, nihil esse certi.
- /4/ Sed unde scio nihil esse diversum ab iis omnibus quæ jam jam recensui, de quo ne minima quidem occasio sit dubitandi? Nunquid est aliquis Deus, vel quocunque nomine illum vocem, qui mihi has ipsas cogitationes immittit? Quare | verò hoc putem, cùm forsan ipsemet illarum author esse possim? Nunquid ergo | saltem ego aliquid sum? Sed jam negavi me habere ullos sensus, & ullum corpus. Hæreo tamen; nam quid

33 tivesse caído de repente em um poço profundo, minha perturbação é tal que não consigo nem firmar o pé no fundo, nem sobrenadar. Esforçar-me-ei, todavia, procurando voltar ao caminho em que ontem ingressei, a saber: fazer a remoção de tudo o que comporta a mínima dúvida como se o soubesse inteiramente falso. Irei em frente, até que reconheça algo certo ou, senão, que ao menos tenha a certeza de que nada há que seja certo.

/2/ Arquimedes não pedia mais que um ponto firme e imóvel para poder deslocar de seu lugar a terra inteira: grandes são também as minhas esperanças, se venho a encontrar apenas uma coisa certa e inconcussa.

/3/ Suponho falsas, pois, todas as coisas que vejo: passo a crer que tudo quanto minha memória mendaz me apresenta jamais existiu. Não possuo sentido nenhum; corpo, figura, extensão, movimento e lugar são quimeras. Então, que há de ser verdadeiro? Talvez só isto: nada é certo.

/4/ Mas, donde sei que não há alguma outra coisa, diversa das que arrolei e a respeito da qual não haveria a mais mínima ocasião de duvidar? Não há algum Deus, ou como quer que se chame, que tenha posto em mim esses mesmos pensamentos? Mas, por que pensar assim, afinal, se posso ser talvez eu mesmo o seu autor? Então, eu pelo menos não sou algo? Já neguei, porém, que eu fosse possuidor de sentidos e de corpo. Hesito, entretanto: que resulta disto?

34

inde? Sumne ita corpori sensibusque alligatus, ut sine illis esse non possim? Sed mihi persuasi nihil plane esse in mundo, nullum cœlum, nullam terram, nullas mentes, nulla corpora; nonne igitur etiam me non
 5 esse? Imo certe ego eram, si quid mihi persuasi. Sed est deceptor nescio quis, summe potens, summe callidus, qui de industriâ me semper fallit. Haud dubie igitur ego etiam sum, si me fallit; & fallat quantum potest, nunquam tamen efficiet, ut nihil sim quamdiu
 10 me aliquid esse cogitabo. Adeo ut, omnibus satis superque pensitatis, denique statuendum sit hoc pronuntiatum, *Ego sum, ego existo*, quoties a me profertur, vel mente concipitur, necessario esse verum.

/5/ Nondum verò satis intelligo, quisnam sim ego ille,
 15 qui jam necessario sum; deincepsque cavendum est ne forte quid aliud imprudenter assumam in locum meî, sicque | aberrem etiam in eâ cognitione, quam
 19 omnium certissimam evidentissimamque esse contendo.

/6/ Quare jam denuo meditabor quidnam me olim esse
 20 crediderim, priusquam in has cogitationes incidissem; ex quo deinde subducam quidquid allatis rationibus vel minimum potuit infirmari, ut ita | tandem præcise remaneat illud tantum quod certum est & inconcussum.

25 Quidnam igitur antehac me esse putavi? Hominem scilicet. Sed quid est homo? Dicamne animal rationale? Non, quia postea quærendum foret quidnam animal sit, & quid rationale, atque ita ex unâ quæstione in plures difficilioreſque delaberer; nec jam
 30 mihi tantum otii est, ut illo velim inter istiusmodi subtilitates abuti. Sed hîc potius attendam, quid sponte

35

Acaso estou atado ao corpo e aos sentidos, de maneira que não posso existir sem eles? Mas, já me persuadi de que no mundo não há totalmente nada: nenhum céu, nenhuma terra, nenhuma mente e nenhum corpo. Não me persuadi por igual de *que eu também não era?* Muito ao contrário, eu certamente era, se me persuadi de algo *ou se somente pensei em algo**. Mas, há um enganador, não sei bem qual, sumamente poderoso e sumamente ardiloso que, de propósito, faz que eu sempre erre. Não há dúvida de que, se me engana, também sou. Que me engane o quanto possa, não poderá nunca fazer que eu nada seja, enquanto eu pensar que sou alguma coisa. De sorte que, depois de ponderar *e examinar cuidadosamente todas as coisas,*** é preciso estabelecer, por fim, que este enunciado: *eu sou, eu existo* é necessariamente verdadeiro, todas as vezes em que o profiro ou que o concebo em minha mente.

** ou seulement si j'ai pensé quelque chose*

*** et avoir soigneusement examiné toutes choses*

/5/ Na verdade, ainda não entendo de modo satisfatório o que sou, eu que, necessariamente, já sou. E, de ora em diante, devo precaver-me para não me tomar imprudentemente por outra coisa e, dessa maneira, errar justo no conhecimento que pretendo seja o mais certo e o mais evidente de todos *os que tive anteriormente**.

** celles que j'ai eues auparavant*

/6/ Por isso, meditarei de novo sobre aquilo que outrora, antes de ter esses meus últimos pensamentos, eu acreditava que fosse. Eliminarei dessa crença tudo o que possa ser infirmado, o mínimo que seja, a partir das razões alegadas. De maneira que, ao fim, só remanesça precisamente o certo e inconcusso. Que pensava que era até então? Um homem, decerto. Mas, que é um homem? Direi um animal racional? Não, porque se perguntaria, em seguida, que é um animal e que é racional. De modo que, a partir de uma única resvalar-se-ia para outras e muito mais difíceis questões. E o tempo de que disponho já não é tanto que o queira mal empregar, cuidando de sutilezas dessa ordem. Não, porei minha atenção antes

- 26 & naturâ duce cogitationi meæ antehac occurrebat, quoties quid essem considerabam. Nempe occurrebat primo, me habere vultum, manus, brachia, totamque hanc membrorum machinam, qualis etiam in cadavere cernitur, & quam corporis nomine designabam. 5
- 20 Occurrebat præterea me nutriri, incedere, sentire, & cogitare : quas quidem actiones ad animam referebam. Sed quid esset hæc anima, vel non advertēbam, vel exiguum nescio quid imaginabar, instar venti, vel ignis, vel ætheris^a, quod crassioribus meî partibus esset 10 infusum. De corpore verò ne dubitabam quidem, sed distincte me nosse arbitrabar ejus naturam, quam si forte, qualem mente concipiebam, describere tentassem, sic explicuissem : per corpus intelligo illud omne quod aptum est figurâ ali|quâ terminari, loco circum- 15 scribi, spatium sic replere, ut ex eo aliud omne corpus excludat ; tactu, visu, auditu, gustu, vel odoratu percipi, necnon moveri pluribus modis, non quidem a seipso, sed ab alio quopiam a quo tangatur : namque habere vim seipsum movendi, item sentiendi, vel co- 20 gitandi, nullo pacto ad naturam corporis pertinere judicabam ; quinimo mirabar potius tales facultates in quibusdam corporibus reperiri.
- /7/ Quid autem nunc, ubi suppono deceptorem aliquem 21 potentissimum, & si fas est dicere, malignum^b, datâ 25 operâ in omnibus, quantum potuit, me delusisse ? Possumne affirmare me habere vel minimum quid ex iis omnibus, quæ jam dixi ad naturam corporis perti-

37 nos pensamentos que por si mesmos e naturalmente me ocorriam, sempre que considerava o que eu era. Em primeiro lugar, que tinha um rosto, mãos, braços e toda a máquina de membros que se percebe também em um cadáver e que era designada pelo nome de corpo. Além disso, ocorria-me a idéia de que me alimentava, andava, sentia e pensava, ações que eu referia à alma. Mas, o que essa alma era, eu ou não o percebia ou, *se me detinha** em considerá-lo, imaginava fosse algo diminuto, a exemplo do vento, do fogo *ou de um éter***, infuso em minhas partes mais espessas. No que respeita ao corpo, não tinha nenhuma dúvida: julgava conhecê-lo distintamente a natureza. Se tentava acaso descrevê-la, tal como minha mente a concebia, fazia-o da seguinte maneira: entendo por corpo tudo o que pode terminar em alguma figura, estar circunscrito por um lugar e preencher um espaço, do qual se exclui todo outro corpo. Ele pode ser percebido pelo tato, pela vista, pelo ouvido, pelo gosto e pelo olfato. Pode ser movido de muitos modos, não por si mesmo *na verdade**** e sim por outro, que o toca *e do qual recebe a impressão*****. Pois, ter a força de mover-se a si mesmo, de sentir e de pensar, não julgava de modo nenhum pudesse pertencer à natureza do corpo. Ficava, ao contrário, admirado de que tais faculdades se encontrassem em certos corpos.

* *si je m'y arrêtais*

** *ou un éther*

*** *quidem: à la vérité*

**** *et dont il reçoit l'impression*

171 Ora, *eu, quem sou**, agora que suponho existir um enganador poderosíssimo e, se se pode dizer, maligno, que de propósito faz o que pode para que me engane em todas as coisas? Posso, acaso, dizer possuir, minimamente que seja, as coisas todas que há pouco eu disse pertencerem à natureza do corpo?

38 nere? Attendo, cogito, revolve, nihil occurrit; fatigor eadem frustra repetere. Quid verò ex iis quæ animæ tribuebam? Nutrirī vel incedere? Quandoquidem jam corpus non habeo, hæc quoque nihil sunt nisi
 5 figmenta. Sentire? Nempe etiam hoc non fit sine corpore, & permulta sentire visus sum in somnis quæ deinde animadverti me non sensisse. Cogitare? Hic invenio: cogitatio est; hæc sola a me divelli nequit. Ego sum, ego existo; certum est. Quandiu autem?
 10 Nempe quandiu cogito; nam forte etiam fieri posset, si cessarem ab omni cogitatione, | ut illico totus esse desinerem. Nihil nunc admitto nisi quod necessario sit verum; sum igitur præcise tantum res cogitans, id est, mens, sive animus, sive intellectus, sive ratio,
 15 voces mihi prius significationis ignotæ. Sum autem res vera, & vere existens; sed qualis res? Dixi, cogitans.

Quid præterea? Imaginabor: non sum compages 22
 illa membrorum, quæ corpus humanum appellatur;
 20 non sum etiam tenuis aliquis aër istis membris infusus, non ventus, non ignis, non vapor, non halitus, non quidquid mihi fingo: supposui enim ista nihil esse. Manet positio: nihilominus tamen ego aliquid sum.
 25 /8/ Fortassis verò contingit, ut hæc ipsa, quæ suppono nihil esse, quia mihi sunt ignota, tamen in rei veritate non differant ab eo me quem novi? Nescio, de hac re jam non disputo; de iis tantum quæ mihi nota sunt, iudicium ferre possum. Novi me existere; quæro quis sim ego ille quem novi. Certissimum est hujus sic
 30 præcise sumpti notitiam non pendere ab iis quæ exi-

29 Presto atenção, penso, repenso e nada ocorre. Canso-me de repetir em vão as mesmas coisas. Na verdade, quais eu atribua à alma? *Vejamos se algumas estão em mim*** : alimentar-me e andar? Já não tenho corpo: não passam de ficções. Sentir? Sem um corpo também não ocorreria. Além disso, pareceu-me sentir muita coisa em sonho que em seguida me dei conta de que não sentira. Pensar? Encontrei : há o pensamento, e só ele não pode ser separado de mim. Eu, eu sou, eu existo: isto é certo. Mas, por quanto tempo? Enquanto penso. Pois, talvez possa também ocorrer que, se o pensamento cessar, eu mesmo deixe de ser totalmente. Agora não admito nada que não seja necessariamente verdadeiro. Por isso, sou precisamente só uma coisa pensante, isto é, uma mente ou um ânimo ou um intelecto ou uma razão, vocábulos cuja significação eu antes ignorava. Sou, assim, uma coisa de verdade e verdadeiramente existente. Mas, qual coisa? Já disse, uma coisa pensante. E que mais? Usarei minha imaginação *para ver se não sou ainda algo mais****. Não sou a compaginação destes membros, denominada corpo humano; também não sou um ar sutil, infuso nesses membros; não sou um vento, nem um fogo, nem um vapor, nem um sopro, nem algo que eu possa formar em ficção, pois supus que tais coisas nada eram. E a permanecer essa afirmação, eu sou, eu mesmo, contudo, algo.

* *moi, qui suis-je*

** *et voyons s'il y en a quelques-uns qui soient en moi*

*** *pour voir si je ne suis point encore quelque chose de plus*

/8/ Mas, pode acontecer talvez que, essas coisas que eu suponho inexistentes por não as conhecer, na verdade não diferem de mim, que já conheço. Não sei, não discuto neste momento a respeito. Só posso julgar sobre o que conheço. Sei que existo e inquirio sobre o que sou, eu, cujo ser reconheci. E, é muito certo que, considerado assim precisamente, esse conhecimento de mim mesmo não depende das coisas cuja existência

40 ftere nondum novi ; non igitur ab iis ullis, quæ ima-
natione effingo. Atque hoc verbum, *effingo*, admonet
me erroris mei : nam fingerem reverà, si quid me esse
imaginarer, quia nihil aliud est imaginari quàm rei
corporeæ figuram, seu imaginem, contemplari. Jam 5
autem certò scio me esse, | simulque fieri posse ut
omnes istæ imagines, & generaliter quæcunque ad
23 corporis naturam referuntur, nihil sint | præter insom-
nia. Quibus animadversis, non minus ineptire videor,
dicendo : imaginabor, ut distinctius agnoscam quis- 10
nam sim, quàm si dicerem : jam quidem sum exper-
rectus, videoque nonnihil veri, sed quia nondum
video satis evidenter, datâ operâ obdormiam, ut hoc
ipsum mihi somnia verius evidentiusque repræsen-
tent. Itaque cognosco nihil eorum quæ possum ima- 15
ginationis ope comprehendere, ad hanc quam de me
habeo notitiam pertinere, mentemque ab illis dili-
gentissime esse avocandam, ut suam ipsa naturam
quàm distinctissime percipiat.

/9/Sed quid igitur sum? Res cogitans. Quid est hoc? 20
Nempe dubitans, intelligens, affirmans, negans, vo-
lens, nolens, imaginans quoque, & sentiens.

Non pauca sanè hæc sunt, si cuncta ad me perti-
neant. Sed quidni pertinerent? Nonne ego ipse sum
qui jam dubito ferè de omnibus, qui nonnihil tamen 25
intelligo, qui hoc unum verum esse affirmo, nego cæ-
tera, cupio plura nosse, nolo decipi, multa vel invitum
imagino, multa etiam tanquam a sensibus venientia
24 animadverto? Quid est horum, quamvis semper dor-

41 ainda não conheço e nem, por consequência, daquelas que figuro em minha imaginação. E a própria expressão "**figuro**" chama a atenção para o meu erro. Estaria me afigurando deveras uma ficção, se imaginasse ser algo. Pois, imaginar não é senão contemplar a figura ou a imagem de uma coisa corporal. Ora, já estou certo de que sou, mas, ao mesmo tempo, pode ser que todas essas imagens e, em geral, tudo o que se refere à natureza do corpo, não passem de um sonho. E, me dou conta de que parece não ser menos inepto dizer "usarei de minha imaginação para conhecer mais distintamente o que sou" do que dizer "estou acordado e vejo algo que tem alguma verdade; mas como ainda não o vejo com suficiente evidência, dormirei de propósito para que os sonhos mo representem de modo mais verdadeiro e mais evidente". E, assim, reconheço que as coisas que posso compreender por imaginação não pertencem ao que sei sobre mim. É preciso muito cuidado para manter a mente delas afastada, a fim de que ela possa perceber, de modo muito distinto, a sua própria natureza.

/9/ Mas, que sou eu, então? Uma coisa pensante. Que é isto? Uma coisa que duvida, entende, afirma, nega, quer, não quer, imagina também e sente. Não é pouco, sem dúvida, que todas essas coisas pertençam a mim. E, por que não pertenceriam? Não sou eu mesmo quem acaba de duvidar de quase todas as coisas; que entendo, porém, algumas, afirmando serem as únicas verdadeiras e negando as restantes; que desejo conhecer outras; não quero ser enganado; imagino muitas, involuntariamente até, e também percebo outras como se elas proviessem dos sentidos? Qual dessas coisas não é tão verdadeira,

42 miam, quamvis etiam is qui me creavit^a, quantum in se est, me deludat, quod non | æque verum sit ac me esse? Quid est quod a meâ cogitatione distinguatur? Quid est quod a me ipso separatum dici possit? Nam
 5 quod ego sim qui dubitem, qui intelligam, qui velim, tam manifestum est, ut nihil occurrat per quod evidentius explicetur. Sed verò etiam ego idem sum qui imaginor; nam quamvis fortè, ut supposui, nulla prorsus res imaginata vera sit, vis tamen ipsa ima-
 10 ginandi revera existit, & cogitationis meæ partem facit. Idem denique ego sum qui sentio, sive qui res corporeas tanquam per sensus animadverto: videlicet jam lucem video, strepitum audio, calorem sentio. Falsa hæc sunt, dormio enim. At certe vi-
 15 dere videor, audire, calefcere. Hoc falsum esse non potest; hoc est proprie quod in me sentire appellatur; atque hoc præcise sic sumptum nihil aliud est quàm cogitare.

Ex quibus equidem aliquanto melius incipio nosse
 20 quisnam sim; / 10 / sed adhuc tamen videtur, nec possum abstinere quin putem, res | corporeas, quarum ima-
 25 gines cogitatione formantur, & quas ipsi sensus explorant, multo distinctius agnosci quàm istud nescio quid meî, quod sub imaginationem non venit: quanquam
 30 profecto sit mirum, res quas animadverto esse dubias, ignotâs, a me alienas, distinctius quàm quod verum est, quod | cognitum, quàm denique me ipsum, a me comprehendî. Sed video quid sit: gaudet aberrare mens mea, necdum se patiter intra veritatis limites
 30 cohiberi. Esto igitur, & adhuc semel laxissimas habe-

43 quanto é certo que sou, mesmo que eu esteja sempre dormindo e que quem me criou faça tudo o que está em seu poder para me enganar? Qual delas se distingue de meu pensamento? Qual pode dizer-se separada de mim? E é tão manifesto que sou eu quem duvida, entende, quer, que já não é preciso mais nada para que a explicação se torne mais evidente. Mas, eu sou decerto também o mesmo que imagina, pois, embora nada do que imagino seja inteiramente verdadeiro, conforme supus anteriormente, a força de imaginar ela mesma, no entanto, existe deveras e faz parte de meu pensamento. Finalmente, sou eu mesmo que sinto e que percebo as coisas corporais, como que através dos sentidos, sendo claro que vejo a luz, ouço o ruído, sinto o calor. *Essas aparências, dirão, são falsas**, já que estou dormindo. *Que assim seja.* Parece-me, *todavia***, que vejo, ouço, aqueço-me e, isto não pode ser falso. É o que se chama em mim propriamente sentir e, precisamente considerado, sentir nada mais é que pensar. Por onde começo a conhecer bastante melhor o que sou.

** Mais l'on me dira que (ces apparences sont fausses)*

*** Qu'il soit ainsi, toutefois*

/10/ Entretanto, parece-me ainda e, não posso deixar de crer que as coisas corporais, cujas imagens se formam por meu pensamento, e que os próprios sentidos experimentam, são conhecidas por mim muito mais distintamente do que esse algo de mim que se furta a minha imaginação. Embora seja seguramente de admirar que coisas sabidamente duvidosas, desconhecidas, alheias a mim, eu as compreenda mais distintamente do que o verdadeiro, do que o conhecido, do que a mim mesmo, afinal. Vejo, contudo, o de que se trata: minha mente compraz-se em andar fora do caminho e ainda não se contem dentro dos limites da verdade. Logo, soltemos as rédeas um momento,

44 nas ei permittamus, ut, illis paulo post opportune reductis, facilius se regi patiatur.

/11/ Consideremus res illas quæ vulgo putantur omnium distinctissime comprehendendi : corpora scilicet, quæ tangimus, quæ videmus ; non quidem corpora in communi, generales enim istæ perceptiones aliquantò magis confusæ esse solent, sed unum in particulari. Sumamus, exempli causâ, hanc ceram : nuperrime ex favis fuit educta ; nondum amisit omnem saporem sui mellis ; nonnihil retinet odoris florum ex quibus collecta est ; ejus color, figura, magnitudo, manifesta sunt ; dura est, frigida est, facile tangitur, ac, si articulo ferias, emittet sonum ; omnia denique illi adsunt quæ requiri videntur, ut corpus aliquod possit quàm distinctissime cognosci. /12/ Sed ecce, dum loquor, igni admovetur : saporis reliquiæ purgantur, odor expirat, color mutatur, figura tollitur, crescit magnitudo, fit liquida, fit calida, vix tangi potest, nec jam, si pulses, emittet sonum. Remanetne adhuc eadem cera ? Remanere fatendum est ; nemo negat, nemo aliter putat. Quid erat igitur in eâ quod tam distincte comprehendebatur ? Certe nihil eorum quæ sensibus attingebam ; nam quæcunque sub gustum, vel odoratum, vel visum, vel tactum, vel auditum veniebant, mutata jam sunt : remanet cera.

Fortassis illud erat quod nunc cogito : nempe ceram ipsam non quidem fuisse istam dulcedinem mellis, nec florum fragrantiam, nec istam albedinem, nec figuram, nec sonum, sed corpus quod mihi apparebat paulo ante modis istis conspicuum, nunc diversis. Quid est autem hoc præcise quod sic imaginor ? Attenda-

45 a fim de que, em seguida, puxando-as, pouco a pouco, e apropriadamente, seja mais fácil dirigi-la.

/11/ Consideremos aquelas coisas cuja compreensão é tida comumente como a mais distinta de todas, isto é, os corpos tangíveis e visíveis. Não por certo os corpos no que tem de comum, pois essas percepções gerais costumam ser mais confusas. Mas, algum corpo particular, por exemplo, esta cera. Acaba de ser retirada dos favos, não perdeu ainda todo o sabor do mel, retém um pouco do aroma das flores donde a recolheram; sua cor, figura, tamanho são manifestos; é dura, fria, fácil de se tocar e, golpeada com os dedos, produz um certo som; está nela presente tudo o que parece ser requerido para que o conhecimento de um corpo seja muito distinto.

/12/ Mas, enquanto falo, é posta junto ao fogo: o que restava do sabor se desvanece, o aroma se dissipa, a cor muda, desfaz-se a figura, o tamanho aumenta, torna-se líquida, esquenta, apenas pode ser tocada e, se a golpeio, já não emite nenhum som. Depois disso, a mesma cera remanesce? Deve-se confessar que remanesce. Ninguém o nega, ninguém pensa de outra maneira. Então, que havia nela que fosse compreendido assim de modo tão distinto? Por certo que nada do que os sentidos atingiam, visto que tudo o que o gosto, o olfato, a vista, o tato ou o ouvido alcançava já se modificou e a cera, não obstante, remanesce. Talvez seja aquilo em que agora estou pensando, a saber, a própria cera, mas que não fosse a doçura do mel, a fragrância das flores, a alvura, a figura, o som e sim um corpo que então se me deparava sob aqueles modos e, agora, sob outros, diversos dos primeiros. E que é precisamente o que imagino, *quando a concebo dessa maneira**? Prestemos

46 mus, &, remotis iis quæ ad ceram non pertinent, videamus quid supersit : nempe nihil aliud quàm extensum quid, flexibile, mutabile. Quid verò est hoc flexibile, mutabile? An quod imaginor, hanc ceram ex
 5 figurâ rotundâ in quadratam, vel ex hac in triangularem verti posse? Nullo modo; nam innumerabilium ejusmodi mutationum capacem eam esse comprehendo, nec possum tamen innumerabiles imaginando percurrere; nec igitur comprehensio hæc ab imagi-
 10 nandi facultate perficitur.¹³ Quid extensum? Nunquid etiam ipsa ejus extensio est ignota? Nam in cerâ liquefcente fit major, major in ferventi, majorque rursus, si calor augeatur; nec recte judicarem quid sit cera, nisi putarem hanc etiam plures secundum extensio-
 15 nem varietates admittere, quàm fuerim unquam imaginando complexus. Superest igitur ut concedam, me nequidem imaginari quid sit hæc cera, sed solâ mente percipere; dico hanc in particulari, de cerâ enim in communi clarius est. Quænam verò est hæc cera, quæ
 20 non nisi mente percipitur? Nempe eadem quam video, 28 quam tango, quam imaginor, eadem denique quam ab initio esse arbitrabar. Atqui, quod notandum est, ejus perceptio non visio, non tactio, non imaginatio est, nec unquam fuit, quamvis prius ita videretur, sed
 25 solius mentis inspectio, quæ vel imperfecta esse potest & confusa, ut prius erat, vel clara & distincta, ut nunc est, prout minus vel magis ad illa ex quibus constat attendo.

/14/Miror verò interim quàm prona sit mea mens in
 30 errores; nam quamvis hæc apud me tacitus & sine

47 atenção, pondo de parte tudo o que não pertence à cera. Vejamos o que sobra: nada além de algo extenso, flexível, mudável. E que é verdadeiramente esse algo flexível e mudável? Não será o que imagino, isto é, que essa cera pode converter-se de figura redonda em figura quadrada e, desta, em triangular? De modo nenhum. Pois, compreendo que ela é capaz de inúmeras modificações dessa espécie, que eu não posso contudo percorrer, imaginando. Logo, essa compreensão não pode ser fruto da faculdade de imaginar.

** lorsque je la conçois en cette sorte*

13/ Que é esse algo extenso? Acaso sua própria extensão não é desconhecida? Não fica maior, quando a cera se liquefaz, ainda maior, se ferve e maior ainda, se o calor aumenta? E não julgarei corretamente o que a cera é, a menos que pense ser ela suscetível de admitir mais variedades, segundo a extensão, do que eu jamais abraçaria pela imaginação. Resta, pois, que conceda não poder sequer imaginar o que a cera é e que só minha mente é capaz de perceber. Refiro-me a esta cera particular, pois, em relação à cera genérica, isto é ainda mais claro. Mas, que é na verdade essa cera que só a mente pode perceber? É seguramente a mesma que vejo, toco, imagino, a mesma, enfim, que de início julgava que era. É de se notar, porém, que a sua percepção *ou a ação pela qual é percebida* * não é um ato de ver, de tocar, de imaginar, nem nunca o foi, embora antes o parecesse. É só uma inspeção da mente, que pode ser ou imperfeita e confusa, como era antes, ou clara e distinta, como é agora, — na medida em que presto menos atenção ou mais atenção às coisas de que ela se compõe.

** ou bien l'action par laquelle on l'aperçoit*

14/ Eu me surpreendo, ao mesmo tempo, com a grande propensão de minha mente para o erro. Pois, embora eu considere tudo isso dentro de mim e sem falar nada,

48 voce considerem, hæreo tamen in verbis ipsis, & fere
 decipior ab ipso usu loquendi. Dicimus enim nos
 videre ceram ipsammet, si adsit, non ex colore vel
 figurâ eam adesse judicare. Unde concluderem sta-
 tim : ceram ergo visione oculi, non solius mentis in- 5
 spectione, cognosci ; nisi jam forte respexissem ex
 fenestrâ homines in plateâ transeuntes, quos etiam
 ipsos non minus usitate quàm ceram dico me videre.
 Quid autem video præter pileos & vestes, sub quibus
 latere possent automata? Sed judi|co homines esse. 10
 29 Atque ita id quod|putabam me videre oculis, solâ judi-
 candi facultate, quæ in mente meâ est, comprehendo.
 /15/Sed pudeat supra vulgus sapere cupientem, ex for-
 mis loquendi quas vulgus invenit dubitationem quæ-
 sivisse ; pergamusque deinceps, attendendo utrùm ego 15
 perfectius evidentiusque percipiebam quid esset cera,
 cùm primùm aspexi, credidique me illam ipso sensu
 externo, vel saltem sensu communi, ut vocant, id est
 potentiâ imaginatrice, cognoscere ? an verò potius
 nunc, postquam diligentius investigavi tum quid ea 20
 sit^a, tum quomodo cognoscatur ? Certe hac de re dubi-
 tare esset ineptum ; nam quid fuit in primâ percep-
 tione distinctum ? Quid quod non a quovis animali
 haberi posse videretur ? At verò cùm, ceram ab exter-
 nis formis distinguo, & tanquam vestibis detractis 25
 nudam considero, sic illam revera, quamvis adhuc er-
 ror in judicio meo esse possit, non possum tamen sine
 humanâ mente percipere.

49 tropeço, contudo, nas palavras, e sou como que enganado pelo próprio uso da linguagem. Dizemos ver a própria cera, se estiver presente, mas não que a julgamos presente a partir da cor e da figura. Donde a conclusão imediata: a cera é portanto conhecida pela visão do olho e não tão só por uma inspeção da mente. Mas, eis que percebo, por acaso, de uma janela homens que transitam na rua. Tanto quanto a cera, eu também digo que os vejo. E, além de chapéus e de trajes, sob os quais podem se esconder autômatos, que vejo? Julgo, porém, que são homens *de verdade**. É, assim, que o que acreditava ver pelos olhos, só compreendo pela faculdade de julgar, que reside em minha mente.

**vrais*

/15/ Mas, quem deseja ir além do conhecimento vulgar, deve envergonhar-se de achar ensejo a dúvida, nas formas comuns de falar. É preciso ir adiante e considerar se a minha percepção da cera era mais perfeita e mais evidente, quando a vi da primeira vez, — acreditando que a conhecia pelo próprio sentido externo ou, ao menos, pelo sentido comum, como é chamado, isto é, pela faculdade imaginativa, — ou agora, após investigar cuidadosamente o que ela é e o modo pelo qual pode ser conhecida. Seria decerto inepto duvidar disso. Que havia, na primeira percepção, que fosse distinto? E que qualquer animal não parece poder ter? Quando distingo, na verdade, a cera de suas formas exteriores, como que a despi-la de sua roupa, e a considero nua, conquanto ainda possa ocorrer um erro em meu juízo, não a posso entretanto perceber sem uma mente humana.

- 50 /16/ Quid autem dicam de hac ipsâ mente, sive de me ipso? Nihildum enim aliud admitto in me esse præter mentem. Quid, inquam, ego qui hanc ceram videor tam distincte percipere? Nunquid me ipsum non tantum multo verius, multo certius, sed etiam multo distinctius evidentiusque, cognosco? Nam, si judico ceram | existere, ex eo quod hanc videam, certe multo evidentius efficitur me ipsum etiam existere, ex eo ipso quod hanc videam. Fieri enim potest ut hoc quod
- 10 video non vere sit cera; fieri potest ut ne quidem oculos habeam, quibus quidquam videatur; sed fieri plane non potest, cum videam, sive (quod jam non distinguo) cum cogitem me videre, ut ego ipse cogitans non aliquid sim. Simili ratione, si judico ceram esse,
- 15 ex eo quod hanc tangam, idem rursus efficitur, videlicet me esse. Si ex eo quod imaginor, vel quâvis aliâ ex causâ, idem plane. Sed & hoc ipsum quod de cerâ animadverto, ad reliqua omnia, quæ sunt extra me posita, licet applicare. /17/ Porro autem, si magis distincta
- 20 visa sit ceræ perceptio, postquam mihi, non ex solo visu vel tactu, sed pluribus ex causis innotuit, quanto distinctius me ipsum a me nunc | cognosci fatendum est, quandoquidem nullæ rationes vel ad ceræ, vel ad cuiuspiam alterius corporis perceptionem possint
- 25 juvare, quin eadem omnes mentis meæ naturam melius probent! Sed & alia insuper tam multa sunt in ipsâ mente, ex quibus ejus notitia distinctior reddi potest, ut ea, quæ ex corpore ad illam emanant, vix numeranda videantur.
- 30 /18/ Atque ecce tandem sponte sum reversus eò quò

SL /16/ E, que dizer sobre essa mente, isto é, sobre mim mesmo? Ainda não admito nada em mim exceto a mente. Que dizer sobre mim, pergunto, eu que pareço perceber esta cera tão distintamente? Acaso não me conheço a mim mesmo, não apenas de modo muito mais verdadeiro, muito mais certo, mas também muito mais distinto e mais evidente? Pois, se julgo que a cera existe porque a vejo, resulta certamente de maneira muito mais evidente que eu também existo, porque a vejo. Pois, pode ocorrer que o que vejo não seja de verdade cera; pode ocorrer que eu sequer tenha olhos para ver alguma coisa. Mas, quando vejo ou (o que já não distingo) quando penso ver, é de todo impossível que eu, que penso, eu não seja algo. Por razão semelhante, se julgar que a cera é, porque a toco, de novo se dirá o mesmo: que eu sou. E se julgar que é, porque a imagino ou por outra causa qualquer, o mesmo se dirá. E o que noto a respeito da cera pode-se aplicar a todas as outras coisas, postas fora de mim.

/17/ Ora, se a percepção da cera parece mais distinta, depois que a conheço não apenas pela vista ou pelo tato, mas por muitas causas, com quanto mais distinção, confesso, sou eu agora conhecido, já que todas as razões que podem auxiliar na percepção da cera ou de qualquer outro corpo, provam muito melhor a natureza de minha mente! E são tantas as coisas que na própria mente podem tornar o conhecimento dela mais distinto que, as que chegam do corpo até ela são apenas dignas de menção.

/18/ Eis que volto, enfim, por mim mesmo aonde

52 volebam; nam cùm | mihi nunc notum sit ipsamet corpora, non proprie a sensibus, vel ab imaginandi facultate, sed a solo intellectu percipi, nec ex eo percipi quòd tangantur aut videantur, sed tantùm ex eo quòd intelligantur aperte cognosco nihil facilius aut evidentius meâ mente posse a me percipi. Sed quia tam cito deponi veteris opinionis consuetudo non potest, placet hîc consistere, ut altius hæc nova cognitio memoriæ meæ diuturnitate meditationis infigatur. 5

53 queria. Sei agora que nem mesmo os corpos são percebidos propriamente pelos sentidos ou pela faculdade de imaginar e sim, somente pelo intelecto. E não são percebidos porque tocados ou vistos, pois só o intelecto os entende. Por isso, conheço claramente que nada pode ser mais fácil e mais evidentemente percebido por mim do que minha mente. Mas, como não é possível abandonar de pronto o hábito de uma opinião inveterada, é bom que me demore neste ponto, a fim de que, por uma meditação duradoura, o novo conhecimento venha a se fincar mais fundo em minha memória.

NOME: _____

Name: _____

ENDEREÇO: _____

Address: _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA SUSPENSÃO DA
REMESSA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further publications are not wanted.

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Caixa Postal 6.110
13081-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (0192) 39.8342
Telex: (019) 1150 - Telefax (0192) 39.3327
Correio Eletrônico: pubifch@ccvax.unicamp.ansp.br